

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>

Eduardo de Sá



O esculptor Eduardo de Sá visto por
Arthur Timotheo

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

O Sr. Eduardo de Sá é um homem de grande circumspecção, profundamente embebido da doutrina positivista. É um brasileiro de forte capacidade, mas de um proselytismo exaggerado, que lhe suffocou varias tendencias mentaes. Leu na sua mocidade o Cathecismo Positivista, aos vinte e dois annos, quando com o espirito abalado por pertinaz enfermidade, convalescendo de pleurisia, contrahida longe de familia, em Florença, no desconforto de estudante, e este livro alterou-lhe inteiramente o curso da vida, determinando-lhe a formação actual.

Em sua existencia tal acontecimento lembra o episodio da Imitação de Christo, lida pelo espadachim que seria, mais tarde, S. Ignacio de Loyola, e promoveu a conversão do Sr. Eduardo de Sá á Igreja Positivista, tornando-o um sectario, quasi um sacerdote, dessa formosa organização intellectual, que tentou, inutilmente, a direcção moral do mundo. E o mal da doutrina está justamente em ter tentado, sem conseguir firmar, dominio social. A suggestão positivista foi uma psychose que se apoderou de requintado grupo de artistas e pensadores, mas, por isso mesmo que era constituída de deducção e de analyse, não pôde fazer-se comprehendida pelas massas e teve a sua actuação restringida a um periodo mais limitado que o cyclo da vida humana. Já em vida de Augusto Comte o positivismo se fragmentava, dilacerava-se, cahia. Littré é a sizania. Stuart Mill representa o combate e a negação. Ainda vivia Clotilde de Vaux e já o exquisito philosopho sentia e lamentava nas suas cartas a fragilidade de toda a obra social, mesmo tendo a defendel-a a grave sabedoria, realmente admiravel, como organização e methodo, da classificação das sciencias. Tanto é verdade que o positivismo falhou aos seus altos fins, que nem na França obteve proselytos e não passou, nessa grande cidade que é Paris, de um culto mais ou menos clandestino, no bom sentido que a palavra possa ter, seguido, apenas, por algumas centenas de creaturas bisonhas, dadas ao luxo de perquirir e analysar. Foi no Brasil, monarchia de doze milhões de individuos, na maioria analphabetos e escravos, quinhentas mil pessoas que verdadeiramente sabiam ler e cinco mil capazes de pensar, que o positivismo floresceu, frondejou, creando proselytos, estabelecendo raizes, fundando igreja, bem superior, aliás, em conjuncto e em detalhes, áquella que

se erigiu em Paris. Fóra do Brasil só o Paraguay de Francia, sahido do domínio theocratico dos jesuitas, serviu de elemento de diffusão do novo credo.

E não se consolidou a edificação começada. O templo fóra erigido sem bases, de sorte que a sangueira desatada pelo caudilho Solano Lopes arrazou a construcção lançada em sólo improprio. O mesmo occorreria, depois, no Brasil, muito embora os fructos da nova igreja ficassem. E se ha entre estes fructos, bons exemplos a citar, males sobrenadaram. E não foi certamente dos menores o estrangulamento de uma formidavel organização artistica como seria o Sr. Eduardo de Sá, se o proselytismo comteano nelle não houvesse jugulado o artista. Foi com esta expressão de estranha tristeza, que sahimos da casa do mestre, sentindo que o verdadeiro pintor se deixara vencer, não pelo artista, como na sua concepção talvez presuma, mas pelo discipulo apaixonado da falhada doutrina positiva. O Sr. Eduardo de Sá deu-nos a impressão de um philosopho em tintas, isto sem nenhuma intenção de diminuir-lhe o talento e valor artistico.

O ENCANTO DE UMA VISITA INESPERADA

O nosso encontro com o Sr. Eduardo de Sá occorreu de surpresa, sem solicitação ou aviso prévio. Diziam-nos que o artista era bisonho e não gostava de falar. Puro engano. E' uma creatura de sadia cordialidade e que sente o prazer amavel de receber. Gosta de conversar e o fio da sua palavra corre do seu labio num rythmo de constante harmonia, doce, caricioso. Accresça-se a este dom natural o encanto de uma prosa erudita, sem presumpção, attitude ou desejo de impressionar, e ter-se-á obtido um retrato aproximado do artista.

A cabeça que lhe cahe sobre os hombros fortes, não deixa revelar os 57 janeiros que já deviam ter enchido aquella alma de fortes desillusões, se ella não se abroquelasse nas ameias da fé que o enrija. As linhas physiomicas revelam o homem de fina e aguda intelligencia e a palestra logo põe a descoberto o espirito acostumado a reflectir. Os olhos graves e penetrantes, a bocca intelligente, a fronte espaçosa e larga, a cabeça completamente grisalha, lembram os rijos sessenta invernos de Alberto de Oliveira...

Vamos defrontal-o á hora do trabalho matinal.

— O mestre dá licença?

E explicamos quem somos. Dizemos a que vamos. O Sr. Eduardo de Sá, polido e apumado, manda-nos entrar.

— Seria difficil contar-nos como e porque se fez artista?

O Sr. Eduardo de Sá reflecte e responde, num tom de voz envolvente:

— Ha tanto tempo!... Era eu menino, oito annos apenas. Morava em Santa Alexandrina, no Rio Comprido. Aquillo por alli era matto agreste. A estrada ou melhor o caminho que conduzia á nossa casa, construida no alto, de onde se descortinava o valle, apenas era palmilhada por um ou outro caminhante. A dois passos da velha vivenda, começava a floresta e em nosso lar vivia-se a vida patriarchal da familia brasileira.

Um dia, eu ouvira falar muito no senhor Victor. Estavamos na varanda de casa e meu pae, que utilizava um oculo de alcance para distinguir as pessoas que, na estrada, rumavam o nosso caminho, se demonstrou intrigado com um vulto que, envergando sobrecasaca, rigorosamente abotoada, subia lentamente, pelo valle, demorando-se a cada passo, abaixando-se, erguendo-se sobre a ponta dos pés, acocorando-se, tomando attitudes singulares, que evidenciavam da parte do estranho individuo um culto obcecado pela belleza da floresta. Meu pae, curioso, observava até que, largando o oculo, reconheceu no exquisito personagem Victor Meirelles e desceu commigo e meu irmão a recebê-lo. Meu pae e Victor Meirelles eram amigos.

Foi apresentando os filhos e eu fiquei por alli a olhar aquelle homem singular, de sobrecasaca e chapelão, a espantar borboletas.

Depois, o pintor acceitou o convite de meu pae e foi tomar o nosso café, só á tardinha seguindo em demanda da "rocinha", do conselheiro João Alfredo, aonde se dirigia, que ficava situada ao sopé da nossa casa.

Data dessa primeira impressão o meu baptismo de arte. Tive nessa manhã os olhos descerrados para um mundo que até então não presentira. O senhor Victor era um apaixonado cultor da natureza e na sua paixão descobria e revelava encanto em todos os objectos que o cercavam: as arvores, as folhas, os ramos seccos, o capim rasteiro, o declive da colina, o sulco aberto na estrada pelo carro de bois, o passaro que voava assustado na tepidez da sesta, o bando de borboletas componentes da paysagem, tudo era motivo para que o senhor Victor falasse com arroubo e com enternecimento, prendendo tanto a nossa attenção, minha, de meu irmão e de meu pae, que o trajecto de dez minutos, feito na descida por nós, foi galgado em mais de uma hora, de regresso, na companhia do senhor Victor. Eu até então, não tivera olhos para ver a natureza. Estava completamente indifferente á contemplação do ambiente que de nossa casa se descortinava. Desse dia por deante comecei a ver tudo com outros olhos. Episodios e detalhes que jámais me haviam ferido, gravaram-se na minha retina, vistos de maneira inteiramente nova. Senti pela primeira vez a belleza da vida e essa descoberta determinou-me o destino que tomaria.

MESTRES QUE CONCORRERAM PARA A FORMAÇÃO DO ARTISTA

— Quaes foram, verdadeiramente, os seus mestres, Sr. Eduardo de Sá?

— Mestres só tive um, o senhor Victor. Só este exerceu influencia definitiva no meu espirito, orientando a minha arte, formando a minha alma. Professores, tive outros, varios outros, que em nada contribuíram para o meu feitio pessoal. Fui discipulo de Zeferino da Costa, de José Maria de Medeiros, pintor portuguez que aqui viveu muitos annos, do grande Pedro Americo. Mas sinto a necessidade de repetir: mestre só tive um, o senhor Victor.

— Sinto que o professor estabelece uma differença grande entre Pedro Americo e Victor Meirelles?...

— Apenas reconheço que o senhor Victor é o nosso maior artista. A primeira missa no Brasil é um quadro immortal. Deve ser, como bem lembrou o Sr. Lauro Muller, a nossa Ceia do Senhor, a collocar-se em todas as casas brasileiras. E' uma obra prima. Technica, factura e, sobretudo, concepção, fazem desse nosso quadro um trabalho immortal, repito.

— E as telas de Pedro Americo? A Batalha de Avahy?

— Admiravelmente perfeita como execução, como "pintura". Mas de uma infelicidade extraordinaria de concepção. Pintar a guerra, e em que condições! Lastimo que o nosso grande Pedro Americo tenha escolhido assumpto tão ingrato para a sua obra prima.

— Mas Victor Meirelles tambem pintou a guerra!...

— E' exacto, mas pintou a guerra de defesa, que é coisa muito differente. Teria sido melhor que não houvesse pintado a Batalha dos Guararapes, mas este quadro mesmo tem sua explicação, emquanto o outro nada tem. Nos Guararapes ha a affirmação da nacionalidade. E' ahi que o Brasil começa. Portugal desavindo no continente deixou-nos entregues ao esforço proprio e se a raça não demonstrasse estar formada, não teria realizado a defesa da terra e a nossa civilização teria o seu curso alterado. Não é que Guararapes nos dêsse a independencia. Preparou-a, porém. Manteve a influencia da civilização catholica. Entre ser catholico e ser protestante, é preferivel ser catholico. Entre ser hollandez e ser portuguez, é preferivel ser portuguez. Guararapes assegurou-nos essas conquistas. Depois, particularmente sobre a Batalha de Avahy, é preciso lembrar que além do episodio assignalar uma face atrazada da humanidade, o quadro tem detalhes crueis. Aquelle paraguayo roubando o ouro é brutal. Os paraguayos nunca fizeram a guerra roubando. Não foram salteadores. Ha outros detalhes de uma carnificina selvagem e uma nota de injustiça: só ha um negro na tela, quando nós sabemos que sacrificio representou para a raça negra a guerra do Paraguay...

— De maneira que o professor não gosta do nosso Pedro Americo?...

— Pelo contrario. Guardo do homem uma impressão immorredoura. Era de uma delicadeza, de uma finura de expressão que encantava. Baixinho, mais ou menos de sua estatura, franzino, Pedro Americo tinha uma physionomia de grande bondade e sympathia, sendo virtualmente um homem educado. Muito differente do senhor Victor o Pedro Americo! Que homem de maneiras finas e agradaveis! Como era differente do senhor Victor! O senhor Victor, na intimidade, era um encanto, reunido a outros amigos, em grupo, era desconfiado, arredio. Em nossa propria intimidade, quando o numero de pessoas augmentava, elle diminuia-se, apagava-se, até desaparecer quasi sempre ás escondidas.

— Como conheceu Pedro Americo?

— Visitando o seu "atelier", com meu pae, um domingo. Tive uma impressão de espanto e deslumbramento. Nunca vira quadro tão grande. Pensava que se não pudesse pintar cousa tão monstruosa. Era a Batalha de Avahy, a obra prima do nosso grande pintor. Pedro Americo acabava de chegar da Europa. Como sabe, o pintor vivia em Florença, onde se educara como pensionista da munificencia imperial e vinha todos os annos ao Rio,

dar aulas na Academia de Bellas Artes, durante um a dois mezes. Eram aulas apressadas, dadas em poucos dias, porque o pintor andava, uma vez por outra, doente. Nessas occasiões, que eram frequentes, mandava cartões aos alumnos desculpando-se da sua falta, numa delicadeza que nos enternecia. Depois, era um bom. Nunca me encontrou que não me viesse falar. Eu era simples alumno, mocinho timido. Encorajava-me, dizendo palavras de elogios que a sua bondade dictava. Todas essas recordações amaveis fazem-me lastimar que o assumpto da sua obra prima fosse o culto atroz da guerra...

— De sorte que não considera obra prima a Batalha de Avahy?...

— Como technica, já disse que é de absoluta perfeição; mas, como idéa, detestavel.

— Então, os nossos primeiros quadros, as nossas obras primas, são...

— A primeira missa no Brasil, o Ultimo tamoyo, grande quadro, de concepção admiravel, de Rodolpho Amoêdo, e outros mais...

COMO O SR. EDUARDO DE SA' ENTENDE AS ARTES PLASTICAS

— Relativamente á esculptura, quaes foram os seus mestres principaes?

— Verdadeiramente não tive nenhum. Frequentei aulas de desenho de modelo vivo, nada mais. Faço esculptura, como faço pintura e poderia fazer architectura, apenas com um esforço de applicação que cada technica requer. Isto, porém, é uma conquista muito facil para o artista. O que é difficil é ser artista. A arte é um symbolo. E' a representação das impressões que a natureza nos desperta. Desde que a tenhamos attingido, o resto é facil. Apenas o pintor fica pintor, o esculptor, esculptor, por deficiencia de trabalho, porque não lhe convem mudar. Isto não é uma censura a ninguem. E' apenas a resposta á pergunta sobre os meus mestres de esculptura. Eu não tive nenhum. Frequentei tres ou quatro aulas de Rodolpho Bernardelli, mas de pintura. Concluido o meu curso, fui para a Italia, seguindo, aliás, o conselho que sempre me dava Pedro Americo.

Mais tarde estive em Paris.

— Mas, nem na Europa frequentou "ateliers" de esculptura?

— Visitei alguns. Passeei e vi o que havia de melhor, sem a dependencia de alumno para mestre...

— Conviveu com Rodin?

— Não. Mas conheci-o.

— Que pensa desse genio?

— Que foi um charlatão.

— Posso publicar?

— Póde.

— Não ha charlatães nas outras profissões? O homem que vende drogas curativas e não curam ninguem não é um charlatão?

— É o "Penseur"?

— E' uma estatua que não pôde evocar o pensamento. E' um microcephalo, craneo perfeito de gorilla, representando o homem que pensa. Como vê, nada mais absurdo. Debalde procuraremos naquella fronte, naquella cabeça, naquelle olhar, qualquer coisa que possa evocar o pensamento. Figura de um prognatismo horrivel, retorce-se toda numa impressão atroz, que é o contrario daquillo que o artista procura reproduzir, evocar.

— E a quem considera maiores esculptores contemporaneos de França?
— Mercier, Gerôme, outros mais.

A ESCOLA DE BELLAS ARTES VISTA PELO ESCULPTOR

— Considera bons os regulamentos da nossa Escola de Bellas Artes, sobre cursos, "salons", jurys e recompensas?

— A Escola de Bellas Artes é a antiga Academia de Bellas Artes, apenas de nome mudado. No intimo, na sua organização, os prejuizos são os mesmos. O ensino obrigatorio, o premio corruptor, a medalha venalizadora. Não estou falando mal da nossa Escola, pois este não é o meu feitio. Refiro-me á essencia da instituição, que é a mesma, aqui e em toda a parte onde existe. O mal não é nosso, é geral, é do modelo. Só havia um remedio, fechal-a.

— E como ficariam as pessoas que quizessem estudar? Como se teriam havido, o senhor, o Visconti, o Bernardelli, o Parreiras, todos os grandes mestres que por lá passaram?

— O governo subvencionaria o professor que mantivesse cursos particulares, isto aqui, no Rio Grande, no Pará, em Matto Grosso, onde houvesse quem soubesse ensinar e quem quizesse aprender. Eu, pessoalmente, nas minhas incursões pelo interior, tenho sido varias vezes solicitado por moças e rapazes para ficar, dar aulas, ensinar. Avalie o senhor quantas vocações não se perdem por falta de estimulo e, emquanto isto, a Escola crea regras, determina, centraliza. Repito, porém: o mal não é nosso, pertence á natureza da propria instituição.

— E qual a melhor reforma a fazer?

— Nenhuma. Só fechando as suas portas e estabelecendo o ensino livre, por meio de cursos subvencionados, disseminados em todo o paiz.

UM ARTISTA QUE PEDE NÃO NOS OCCUPEMOS DA SUA PERSONALIDADE

— E a sua arte, Sr. Eduardo de Sá?

— Não vale a pena dizer nada do passado. Antes, se quer, refira-se de preferencia ao que poderei ainda fazer...

— Mas, os seus quadros, os seus monumentos publicos, os seus trabalhos valiosos, que enriquecem galerias particulares? Diga alguma coisa. E' sempre um serviço prestado ao patrimonio artistico do Brasil.

— Ora, a minha arte tem sido muito criticada. Não me incomodo, aliás. Com o monumento a Floriano, por exemplo, um mundo de chufas, de

reclamações, de máo humor. De uma coisa, porém, não me poderão apontar: de immoral. Se provarem que eu inspirei uma idéa má, provoquei um gesto de repugnancia, motivei um pensamento impuro, então, sim, dou a mão á palmatoria. Não prometti obra prima a ninguem, nem assegurei perfeição. Entretanto, posso dizer-lhe que fui solicitado para deixar expôr, em Londres, o grupo principal da Bandeira, depois de fundido em Paris, solicitação que não attendi. As criticas ao monumento são, porém, desiguaes. Explicam-se porque querem ver em detalhes um conjuncto que não se pôde desagregar. Tudo alli tem a sua justificação. As figuras não estão no monumento por mero capricho meu. Sobre Floriano, por exemplo, não me era possivel fazer melhor. Floriano era a negação do homem retratavel. Não nascera para o cartaz. Era tudo o que ha de mais chão, como aprumo, como elegancia, como figura capaz de inspirar um artista. Tudo nelle era cahimento, mollesa, falta de expressão e de attitude. Muito differente de Deodoro. Deodoro era outro homem. Divulgado no meio de uma multidão, destacava-se á distancia, pelo brilho marcial. Quem nunca o vira, gritava logo — é aquelle. Nascera para commandar, para dirigir, segundo a expressão militar. As suas barbas, o seu olhar, o seu peito militar, erguido e aprumado, imprimiam respeito e centralizavam as atenções da multidão. Como se destacava do seu companheiro da proclamação da Republica! Floriano era tudo o que ha de negativo em estampa. Viajei com elle uma vez, certa manhã, todo um prolongado e suarento circuito de bondinho Lapa-Carceller, sem saber se elle era elle, tão desengonçado, tão frio, soturno, cahido, se mostrava. Neste tempo, Floriano estava na presidencia, em pleno periodo da revolta. Mesmo assim, andava sósinho, de bonde, calças brancas serzidas no joelho, paletot de lustrim, physionomia apagada e amorpha... Só as abotoaduras dos punhos da camisa revelavam o homem de recursos ou posição. Eram ricas e foi o detalhe que me serviu para authenticar-o, antes de vel-o transpor o portão do Arsenal. Bem vê as difficuldades que tive para emprestar-lhe majestade...

— E de outros trabalhos?

— Não os tenho. Não faço nus. Não os pinto porque em pintar a creatura nua não vejo, não enxergo um ideal de arte. Quando muito um divertimento, uma distracção ou passatempo; um trabalho de arte, nunca! Já vê que nada ha realmente aproveitavel para informar o publico. Não ha nada interessante. Para que estarmos a transmittir uma impressão que não sentimos? Entretanto, vá lá. Lembremo-nos de que, em arte, não ha defeitos capitaes. Tudo é bom. Quando a coisa não tem o que se aproveite, o critico benevolo coça o queixo e diz:

— “Realmente, tem qualidades. E’ interessante!”

Acceitemos, em these, que o que eu fiz é interessante, tem qualidades...

E conduzindo-nos com gentileza captivante, quasi com doçura, ao ultimo batente, recommendou-nos, mais uma vez, que não nos preocupassemos muito com o seu passado artistico. Nelle tudo era vulgar.

Antes, se era nosso desejo contrarial-o, falassemos do que elle poderia realizar, no futuro...